

UNEMAT Editora

Editor

Agnaldo Rodrigues da Silva

Revisor

Autores

Diagramação

Ricelli Justino dos Reis

Capa

Ricelli Justino dos Reis

Copyright © 2014 / Unemat Editora

Impresso no Brasil - 2014

Revista História e Diversidade/Expediente:

Coordenador /Organizador: Osvaldo Mariotto Cerezer

Marli Auxiliadora de Almeida

História e Diversidade [recurso eletrônico] / Revista do Departamento de História. Cáceres: UNEMAT Editora. Vol. 4, nº. 1, (2014) . 274 p.

Modo de acesso:<<http://www.unemat.br/revistas/historiaediversidade/>>Semestral.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader (ou similar).

ISSN 2237-6569

1. História. 2. Diversidade Cultural. 1. Unemat Editora. Departamento de História de Cáceres.

CDU 94+304.4 (05)

Ficha Catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar/CRB1 2037



UNEMAT Editora

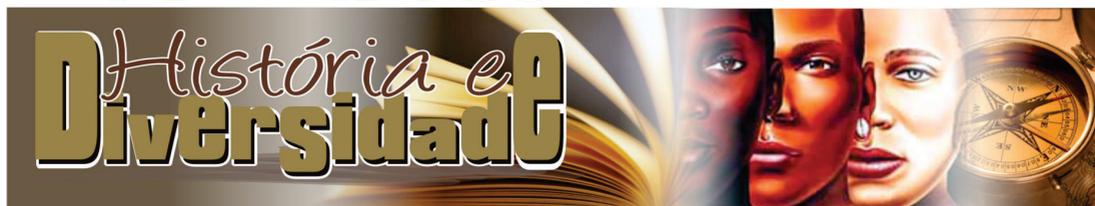
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres - MT - Brasil -

78200000

UNEMAT
EDITORA

Fone/Fax 65 3221-0000 - www.unemat.br - editora@unemat.br

Revista



Dossiê: Ensino de história e história da educação: caminhos de pesquisa
(Volume I) - [2014/I]

HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO DE PESSOAS ADULTAS¹

Stefânia Rosa Santos²

Ronaldo Cardoso Alves³

Universidade Estadual Paulista – UNESP/câmpus Assis

RESUMO: A Educação de Jovens e Adultos é uma temática que discute, problematiza e transforma uma questão inerente à estrutura socioeconômica da formação da sociedade brasileira: o analfabetismo. Neste sentido, o Projeto de Educação de Jovens e Adultos - P.E.J.A - vinculado à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) Câmpus de Assis, propõe práticas que visam a superação dessa condição excludente na qual ainda vive significativa parcela da população brasileira. O presente estudo aponta para possíveis diálogos sobre educação e diversidade, por meio da articulação entre memória, história oral e representações sociais e os desdobramentos no processo de alfabetização e letramento de pessoas adultas.

Palavras-chave: EJA / Memória / Representações Sociais / História oral.

ABSTRACT: The Youth and Adult Education (YAE) is a problem that is directly related to the socioeconomic structure in the formation of Brazilian society: the illiteracy. Inside this subject, the Educational Project of Youth and Adults (Projeto de Educação de Jovens e Adultos /P.E.J.A) associated with the Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (University of the State of São Paulo/UNESP) Campus Assis, proposes practices that intend to change the excluded life condition of significant part of the Brazilian population. The present article presents the possibility of dialogue about the education and diversity by linking memory, oral history and social representations and developments in literacy process for adults.

Keywords: YAE / Memory / Social Representations / Oral History

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria⁴.

1 Este artigo é baseado no desenvolvimento do projeto de pesquisa “Memória e Representações Sociais no Projeto de Educação de Jovens e Adultos (P.E.J.A) da UNESP- Câmpus de Assis”. A pesquisa conta com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo- FAPESP.

2 É graduada em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- UNESP/Assis. Atualmente é aluna do 5º ano do curso de Psicologia, na mesma instituição. É pesquisadora/bolsista de iniciação científica na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo- FAPESP. **stefania.santos@hotmail.com**

3 É Professor Assistente Doutor do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP – câmpus Assis). É coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Didática da História (LEPEDIH) e do Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) no mesmo Câmpus. E-mail: ronaldocardoso@assis.unesp.br

4 Art. 37º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - L.D.B/1996. Disponível em: <http://portal>.

A epígrafe cita um dos artigos da LDB/1996 que, àquela época, apresentava uma demanda crônica da sociedade brasileira: o alto contingente de adultos e jovens que não foram devidamente alfabetizados na infância. É neste contexto que se insere o Projeto de Educação de Jovens e Adultos (P.E.J.A), presente em diferentes campi da Universidade Estadual Paulista (UNESP), cuja finalidade é contribuir para a diminuição (e erradicação) do analfabetismo em diversas regiões do Estado de São Paulo.

O P.E.J.A é um programa de ação didático-pedagógica institucionalizado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária (PROEX), iniciada em 09/10/2000, que conta com representantes de sete unidades da UNESP, entre elas a Faculdade de Ciências e Letras de Assis. É um programa que resgata e propõe práticas educativas que visam uma participação mais efetiva dos indivíduos na vida econômica, política e cultural da sociedade, sem perder de vista conteúdos da educação básica e a discussão em torno do problema político da exclusão do sistema escolar de grande parte da população.

Neste sentido, o P.E.J.A intenciona criar perspectivas para que seus alfabetizandos lutem por oportunidades de prosseguimentos dos estudos nas redes públicas de ensino. Trata-se de um projeto que constitui, portanto, um espaço de articulação entre pesquisa, docência e extensão⁵. O Projeto conta, atualmente, com seis turmas localizadas em instituições de diferentes perfis nos Municípios de Assis e Cândido Mota. São salas de aula que atendem diferentes bairros, situadas em igrejas, centros comunitários e instituições públicas como o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Além disso, o projeto conta com uma sala na Cooperativa de Catadores de Material Reciclável (COOCASSIS) e no próprio Campus Universitário, junto à “Universidade Aberta à Terceira Idade” (UNATI). Os educadores são alunos dos cursos de Graduação da FCL UNESP-ASSIS: Letras, História, Psicologia, Ciências Biológicas e Engenharia Biotecnológica. Atualmente conta com cinco bolsistas da PROEX que atuam nos pólos acima referidos e vários colaboradores voluntários, cuja participação é vital para que o projeto seja exequível, dada a heterogeneidade do perfil e grau de alfabetização dos educandos participantes, fator que impõe a necessidade de um maior número de educadores nas salas de aula.

Percebe-se, portanto, ser o P.E.J.A um projeto de ação extensionista da universidade que visa contribuir, numa perspectiva político-social, com a diminuição do analfabetismo persistente na contemporaneidade brasileira por ser herdeiro de um processo de políticas, ditas públicas, rejeitadoras da concepção de educação popular e desconectadas, portanto, das necessidades das classes populares (ARROYO, 2005). Trabalhar com Educação de Jovens e Adultos (EJA), neste contexto, significa ultrapassar as barreiras socioeconômicas que têm impedido essas pessoas de acessarem a escolarização, visto que o Brasil ainda conta com um total de 12,9 milhões de analfabetos, sendo, em sua maioria, pessoas com faixa etária acima de 40 anos, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2011 (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ⁶.

mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf. Acesso em: 01/09/2013.

⁵ Baseado em texto institucional fornecido pela Universidade Estadual Paulista- UNESP. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/#!//extensao/projetos/>. Acesso em 31/08/2013.

⁶ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, PNAD 2011: Rio de Janeiro, 21/09/2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/000000101357092120125722205>

O propósito do P.E.J.A é possibilitar aos indivíduos o acesso ao ensino, assim como oferecer condições para reintegrarem-se na sociedade atual como sujeitos ativos, leitores, e não consumidores passivos das informações que os rodeiam. Trata-se de um projeto que transcende o ato de alfabetização e propõe a construção de um processo de constante ação-reflexão, por ser um trabalho sensível que requer paciência e vontade, não somente de ensinar, mas de auxiliar pessoas a superarem uma determinada condição de exclusão à qual estiveram submetidas por tanto tempo.

Do ponto de vista teórico-metodológico a prática pedagógica com jovens e adultos no P.E.J.A. está pautada no pensamento de Paulo Freire (1996, 2005a, 2005b) que, de modo geral, ofereceu um caminho para a educação como meio de viabilização da liberdade e criadora de conscientização política. Seu método consiste, resumidamente, em levar para a sala de aula o universo do educando, a partir de palavras e temas geradores de sentido. Para tanto, é necessário romper com a dicotomia professor-aluno, uma relação geralmente reprodutora de um discurso opressor. Tal ruptura reside num processo de ensino-aprendizagem que deve centrar-se numa perspectiva dialógica, na qual educador e educando ensinam e aprendem mutuamente. FURLANETTI (2010, p.134) aponta para a importância desta educação libertadora presente no P.E.J.A, pois ela:

[...] exige a investigação temática na busca da problematização, de forma dialógica compartilhada em todo processo sabem-se sujeitos de seus pensamentos (sujeito cognoscente), discutindo a própria visão de mundo e no ouvir e no dizer manifestando sugestões e comparando-as com outros que podem ser seus companheiros/as, pesquisadores/as, autores/as, sejam quem for seus interlocutores e não como uma educação “bancária” onde predomina o silêncio de quem nada sabe para dar a voz somente àquele que tudo sabe e que prepara a “aula”.

Dentro dessa concepção dialógica, é importante destacar o sentido do conceito de letramento na educação (SOARES, 2002). Tal conceito aponta para um ensino crítico, não limitado a uma prática mecânica de leitura e escrita. Pelo contrário. A alfabetização é construída com sentido para a vida do educando, pois leitura e escrita são compreendidas como práticas que promoverão inserção na comunidade. Nesta perspectiva, o adulto, embora esteja no início de sua alfabetização, não é infantilizado com uma metodologia de ensino voltada para crianças, pois diferentemente delas os adultos trazem para a sala de aula um universo já construído por suas experiências de vida. Logo seu objetivo com a educação é baseado na necessidade de decodificar o mundo letrado à sua volta, do qual já são integrantes.

FREIRE (1987) enfatiza a questão da educação como parte ativa do processo de construção de conhecimento dos sujeitos. Para tanto, discute a importância da historicidade dos seres humanos como parte do processo de aprendizagem, ou seja, como elemento constituinte das relações sociais. Em suas palavras:

A educação problematizadora, que não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí

que corresponda à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos como “projetos” como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. Daí que se identifique com o movimento permanente em que se acham inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos; movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo (FREIRE, 1987, p. 42).

Dentro desta perspectiva, o trabalho de alfabetização e letramento com pessoas adultas se desenvolve a partir de uma relação pautada no diálogo, na criticidade e no envolvimento com o outro. Dessa forma, é possível afirmar que um projeto de extensão que englobe tais características permite a seus integrantes, além do encontro com a comunidade, uma interação entre gerações: educadores - graduandos em formação acadêmica, e educandos - pessoas adultas em processo de aprendizagem. Essa relação, baseada na troca, no cruzamento entre as histórias de vida, potencializa a ação, a prática do ensino, a vontade de aprender.

Portanto, com base na diversidade é construída a possibilidade de um processo de ensino que não se limita aos aspectos técnicos e metodológicos que muitas vezes moldam os sistemas educacionais, os quais reduzem a educação a um caráter utilitário. É, pois, pela alteridade que o conhecimento é construído, disseminado e legitimado, sempre em um movimento de criação e autonomia, por meio de uma educação que, segundo FREIRE (2005), volta-se para o homem-sujeito ao ser emancipadora, crítica, reflexiva e engajada.

Da memória à narrativa: contribuições da História Oral

A narrativa é sempre uma escavação original do indivíduo, em tensão constante contra o tempo organizado pelo sistema. Esse tempo original e interior é a maior riqueza de que dispomos (BOSI, 2003, p. 66).

Uma das principais questões inerentes ao processo de educação de pessoas adultas é a valorização das memórias que fazem parte da constituição dos sujeitos, e reverberam em suas práticas e experiências no decorrer da vida. Nesse sentido, nota-se que os sujeitos compartilham uma mesma realidade outrora vivenciada, como também são movidos, no presente, por objetivos comuns. Esses sentimentos partilhados são corroborados pela conexão das memórias individuais com a memória coletiva do grupo. São lembranças apoiadas umas nas outras, pois “ [...] Em realidade, nunca estamos sós” (HALBWACHS, 1990, p.26).

A partir das contribuições da História Oral (MEIHY, 2002; DELGADO, 2006) é possível trabalhar na coleta de narrativas orais para constituir um método de pesquisa que ofereça o resgate da história viva, o reconhecimento da experiência social de pessoas e grupos (MEIHY, 2002, p. 13), pois:

[...] Com uma vocação para tudo e para todos, a história oral respeita as diferenças e facilita a compreensão das identidades e dos processos de suas construções narrativas. Todos são personagens históricos, e o cotidiano e os grandes fatos ganham equiparação na medida em que se trançam para garantir a lógica da vida coletiva. (MEIHY, 2002, p.15).

Esta perspectiva metodológica, além de dar voz aos sujeitos participantes da pesquisa, considera o cotidiano, o corriqueiro da vida, como importante material a ser investigado pelas Ciências Humanas. Assim, o foco da pesquisa é analisar as representações sociais suscitadas do conteúdo narrativo advindo das memórias dos alunos que remetem a diferentes temporalidades, pois segundo DELGADO (2006, p.33):

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que, inserido à vida humana, implica durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão, a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro.

Percebe-se, portanto, que além do aspecto metodológico construído a partir de entrevistas, a História Oral se relaciona diretamente com os aspectos das vivências, do cotidiano, da memória das pessoas. Nesse sentido, por meio do contato direto com os sujeitos da pesquisa é possível identificar elementos para além do dizível, fator que certamente contribui para que se possa tecer um sentido teórico-metodológico para a pesquisa, mas que também possibilita, por meio de uma enriquecedora relação entre entrevistador (pesquisador) e entrevistados (alunos), uma coleta de dados que se constitui num espaço de trocas, de afinidades e conexões afetivas, no qual:

Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes. (BOSI, 2003, p. 61).

Sendo assim, o trabalho de pesquisa a respeito das histórias de pessoas adultas que optam pela volta aos estudos, se mostra significativo, pois além da legitimação da memória, protagoniza sujeitos que, durante boa parte da vida, sofreram com estigmas e dificuldades que marcaram suas trajetórias.

Para a consecução deste trabalho, dois instrumentos de pesquisa foram elaborados para o levantamento de dados. O primeiro deles é um questionário que tem como objetivo construir o perfil sócio-econômico e cultural dos participantes nos diferentes pólos atendidos pelo projeto. O segundo instrumento, por sua vez, consiste numa entrevista que visa coletar as memórias dos alunos participantes do P.E.J.A. por meio de perguntas distribuídas em diferentes tópicos temáticos. Tais questões giram em torno de temas como “Os estudos e o contexto da infância”, “A vida adulta e a relação com o grau de escolaridade”, “O trabalho e os estudos”, “O processo de alfabetização e

letramento na vida adulta” e “O papel do P.E.J.A nessa trajetória”.

O questionário de perfil discente será aplicado aos alunos de todas as salas, comportando um total de 45 a 60 educandos. Para participação nas entrevistas serão selecionados seis alunos, ou seja, um por turma. A opção pelo diminuto número de entrevistas ocorre para que as informações colhidas junto aos entrevistados permitam maior aprofundamento. Os critérios de seleção pautam-se pelo tempo de participação dos alunos no PEJA e, preferencialmente, por alunos que iniciaram, praticamente, o processo de alfabetização no próprio projeto. Aos entrevistados serão apresentados os procedimentos para a garantia do anonimato na apresentação do material coletado, bem como o objetivo da entrevista e sua importância para o projeto. Paralelamente a todo esse processo de trabalho criou-se um diário de campo a fim de registrar aspectos dos encontros que não serão gravados, tais como: impressões sobre o local, o momento da entrevista, as conversas mais informais, etc, com a finalidade de promover uma descrição densa (GEERTZ, 2012, p. 20) do cotidiano das diferentes salas de aula.

O passado (re)construído, a história compartilhada: Representações sociais na Educação de Adultos

E é no comum, numa simples conversa entre amigos, que surgem discussões acerca dos mais variados problemas morais, éticos, sociais e históricos, presentes no cotidiano. Imaginar que problemas “metafísicos” são discutidos somente no meio científico é desprezar a sociedade como ente pensante. É descaracterizar os indivíduos enquanto sujeitos históricos (ALVES, 2006, p. 23).

De acordo com a proposta da educação de jovens e adultos, os educandos são motivados a aprender e problematizar aspectos inerentes ao seu cotidiano. Isso não quer dizer que somente o que já sabem basta para a conclusão do processo de aprendizagem, mas que sua própria experiência, somada a uma educação que possibilita o diálogo, lhes permitirá enxergar o mundo por meio de outros referenciais. Essa dinâmica do aprendizado é problematizada, neste estudo, a partir da Teoria das Representações Sociais, de MOSCOVICI (2010), propagada por seus seguidores, como JODELET (2001), entre outros autores.

As representações sociais são noções, idéias e “teorias” formadas no cotidiano das pessoas acerca dos fatos que os circundam. São tecidas nas relações sociais, no ato de conversação, de interação com outros sujeitos:

É uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, com um objeto prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber do senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. (JODELET, 2001, p. 22).

Nesse sentido, este estudo propõe-se a relacionar este saber do cotidiano

presente nas representações sociais ao conhecimento científico oriundo do próprio ato de pesquisar. Esse processo, por fundamentar-se no diálogo, na contextualização do ensino, e valer-se de uma perspectiva que protagoniza as histórias dos sujeitos, reconhece a existência das histórias que marcam a vida de cada pessoa, pois “[...] A memória é base construtora de identidades e significadora de consciências individuais e coletivas” (DELGADO, 2006, p. 38).

Se nossas lembranças são coletivas (HALBWACHS, 1990), esta relação dialógica na sala de aula possibilita um cruzamento entre as memórias dos alunos, principalmente no que se refere à questão da falta de escolaridade. Cada educando traz consigo uma noção, uma representação desse aspecto que marcou sua vida até o momento em que a oportunidade de voltar a estudar lhe foi oferecida. Logo, a análise dessas memórias remete tanto à história de vida de cada entrevistado, como também à própria história do P.E.J.A. Tal constatação contribui para a legitimação e o reconhecimento, interna e externamente à universidade, de um projeto de extensão que influencia tanto a vida de seus educandos-alunos quanto à formação dos educadores-graduandos que dele participam.

De acordo com estes pressupostos, é possível afirmar que o estudo da memória coletiva e das representações sociais oriundas dos participantes de um projeto como o P.E.J.A se torna importante, pois considera, no espaço escolar, o percurso histórico, bem como o contexto político, socioeconômico e cultural, no qual:

As tradições dos grupos sociais são reverberadas pelas representações fortalecidas pela memória coletiva vivenciada pelas gerações. Tal dinâmica propicia um ambiente de pensamento que cria imagens e respectivas análises de tudo o que se encontra na sociedade. Ou seja, além das representações sociais adequarem seus objetos ao ambiente do grupo mesmo que este seja traduzido de outro contexto, também recorrem à sua própria tradição, baseada numa memória coletiva construída historicamente (ALVES 2006, p.19).

Ora, se a perspectiva freireana de educação está firmada, sobretudo, no cotidiano de seus alunos, conseqüentemente traz à tona suas histórias, vivências e tradições. Desta forma, surge a necessidade de compreender quais são as representações sociais formadas no espaço comum, tanto no que diz respeito ao histórico da falta de escolarização do grupo, como também ao próprio ato de alfabetizar-se quando adulto.

O estudo das representações sociais, portanto, pode ser significativo no campo da Educação e, especificamente, na EJA, pois o espaço escolar, como um ambiente de convívio social é um ponto de encontro entre as diversas realidades, marcadas por histórias e ideias construídas no decorrer do tempo. Destarte, compreende-se que o acesso às narrativas que tratam do passado dos jovens e adultos do P.E.J.A constitui-se em um elemento fundamental no estudo das representações sociais, pois apresentará memórias de um grupo de pessoas marcado por uma inegável exclusão social, e que atualmente busca novos espaços de atuação e (inter)ação, uma vez que:

Podemos afirmar que o que é importante é a natureza da mudança, através da qual as representações sociais se tornam capazes de influenciar o

comportamento do indivíduo participante de uma coletividade. É dessa maneira que elas são criadas, internamente, mentalmente, pois é dessa maneira que o próprio processo coletivo penetra, como o fator determinante, dentro do pensamento individual (MOSCOVICI, 2010, p. 40).

De acordo com esta perspectiva, as representações construídas pelo sujeito acerca deste passado agora revivido e reconstituído tornam-se essenciais para a elaboração do conhecimento, para a formação da própria subjetividade e constituição de si a partir da história que carrega. Isso possibilita a legitimação do saber comum e popular, que muito tem a acrescentar no processo de ensino-aprendizagem.

Considerações finais

A partir dos elementos de análise apresentados, este estudo aponta para uma reflexão acerca da importância do levantamento e do reconhecimento das memórias de alunos que buscam os estudos na vida adulta, a fim de possibilitar a compreensão das representações sociais que foram (re)construídas no decorrer do tempo.

Assim, a articulação entre educação, história oral, memória e representações, abre caminho para novas perspectivas de trabalho que promovam a interação entre as áreas que estudam os aspectos do cotidiano, do ensino e da historicidade dos sujeitos. Esses elementos contribuem não somente para o resgate de narrativas memorialistas, mas permitem a identificação e compreensão das diversas formas de construção do pensamento e do saber de pessoas que, na ausência das palavras escritas, utilizam a voz para legitimar sua história, e reconstruir um passado que passa a ser compartilhado coletivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ronaldo Cardoso. 2006. Representações Sociais e a construção da consciência histórica. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo, USP.

ARROYO, Miguel. A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. Alfabetização e Cidadania. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB), n.11, abril de 2001.

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral - memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FURLANETTI, Maria Peregrina de Fátima Rotta. A diversidade dos sujeitos envolvidos no desafio da formação do educador popular para EJA na extensão universitária. In: CAMARGO, Maria Rosa R. M. de & FURLANETTI, Maria P. de Fátima Rotta (orgs.) Educação de pessoas jovens e adultas: Múltiplas faces de um projeto educacional: aportes teóricos- práticas de formação- contextos produzidos. – São Paulo: Ed UNESP:

PROEX- Pró Reitoria de Extensão Universitária, 2010.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

JODELET, Denise. As Representações Sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. 4ªEd. São Paulo. Edições Loyola, 2002.

MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais: investigações em psicologia social. 7ªEd.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. 4ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.